



**XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT-12 – Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidade**

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL E COMUNIDADE LGBTQIAP+: UM ESTUDO PROGNÓSTICO SOBRE AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

***SOCIAL REPRESENTATION AND LGBTQIAP+ COMMUNITY: A PROGNOSTIC STUDY ON THE WAYS IN WHICH INFORMATION IS REPRESENTED***

**Aderlon dos Santos Geronimo. UFPB.**

**Gracy Kelli Martins. UFPB.**

**Henry Poncio Cruz de Oliveira. UFPB.**

**Aurora Cuevas Cerveró. UCM. UFPB.**

**Resumo:** Grupos socialmente minorizados, como a comunidade LGBTQIAP+, fazem parte de contextos sociais em que a separação por classes, raça e/ou sexualidade contribui para manter estereótipos criados ao longo da história humana. Estudos no campo da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento apontam a falta de estudos sobre esses grupos e um silenciamento da comunidade LGBTQIAP+ nos grandes debates por não atenderem aos padrões pré-determinados, especificamente nos processos de representação da informação. Nesse contexto, a representação social impacta nas atividades de representação da informação e esta pode ser definida como um processo fundamental para a organização do conhecimento (OC) em sociedade. Com base nesta discussão, o objetivo deste estudo é analisar como a comunidade LGBTQIAP+ tem sido representada social e tematicamente em artigos indexados na plataforma de periódicos científicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos últimos cinco anos (2018-2022), em âmbito nacional, da maneira ampla, sem especificidade de área do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com faceta metodológica descritiva e de abordagem analítica qualitativa, alicerçada na netnografia. A partir da análise dos 20 artigos recuperados, constatou-se um crescente interesse dos pesquisadores em estudos referentes ao envelhecimento da comunidade LGBTQIAP+ e discretas pesquisas sobre a representação da informação e do conhecimento da comunidade LGBTQIAP+ no campo da Ciência da Informação. Conclui-se assim que as representações, social e temática, dos grupos minorizados ainda refletem uma lacuna de estudos mais efetivos e direcionados ou que as formas de representação da informação, pouco ou inadequadamente representativas, não possibilitaram recuperar artigos por meio das estratégias adotadas. No entanto, entende-se que, apesar de o recorte temporal e o Portal de Periódicos da CAPES poderem contribuir para tais conclusões, é necessário aprofundar bem mais os estudos acerca desse tema, como mostra o prognóstico desta investigação.

**Palavras-chave:** LGBTQIAP+. Representações Sociais. Representação da Informação. Produção Científica.

**Abstract:** Socially minorized groups, such as the LGBTQIAP+ community, are part of social contexts in which separation by class, race and/or sexuality contributes to maintaining stereotypes created throughout human history. Studies in the field of Organization and Representation of Information and



Knowledge point to the lack of studies on these groups and a silencing of the LGBTQIAP+ community in the great debates because they do not meet predetermined standards, specifically in the processes of information representation. In this context, social representation impacts information representation activities and this can be defined as a fundamental process for the organization of knowledge (KO) in society. Based on this discussion, the objective of this study is to analyze how the LGBTQIAP+ community has been socially and thematically represented in articles indexed in the platform of scientific papers of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), in the last five years (2018-2022), at a national level, in a broad way, without specificity of knowledge area. This is a bibliographical research, with a descriptive methodological facet and a qualitative analytical approach, based on netnography. From the analysis of the 20 papers retrieved, there was a growing interest of researchers in studies related to the aging of the LGBTQIAP+ community and timid research on the representation of information and knowledge of the LGBTQIAP+ community in the field of Information Science. It is thus concluded that the thematic representation of the socially minorized groups still reflect a gap in more effective and targeted studies or that the forms of information representation, little or inadequately representative, did not make it possible to recover papers through the adopted strategies. However, it is understood that, although the time frame and the CAPES' Papers Portal can contribute to such conclusions, it is necessary to deepen the studies on this topic, as shown by the prognosis of this investigation.

**Keywords:** LGBTQIAP+. Social representations. Information Representation. Scientific production

## 1 INTRODUÇÃO

Os grupos socialmente minorizados fazem parte de contextos sociais em que a separação por classes, raça e/ou sexualidade contribui para manter estereótipos criados ao longo da história humana. Milani (2014) questiona a falta de estudos sobre esses grupos e o silenciamento da comunidade nos grandes debates por não atenderem aos padrões pré-determinados, especificamente nos processos de representação da informação.

Segundo o Comitê de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade (2021),<sup>1</sup> a sigla LGBTQIAP+ pode ser representada da seguinte forma: (L) Lésbica - Mulher cisgênero, transgênero ou não binária que se sente atraída sexualmente por outra mulher; (G) Gay - Homem cisgênero, transgênero ou não binário que se sente atraído sexualmente por outro homem; (B) Bissexual - Mulher ou homem cisgênero, transgênero ou não binário que sente atração sexual por homens ou mulheres; (T) Transgênero - pessoa que não se identifica com os gêneros masculino e feminino atribuídos com o nascimento ou através dos órgãos sexuais; (Q) Queer - pessoa que transita entre os gêneros - do inglês, 'queer' significa 'estranho' e pode representar qualquer um que fuja do padrão e que se identifique necessariamente com um gênero; (I) Intersexual - pessoa cujo desenvolvimento sexual - expresso por hormônios,

---

<sup>1</sup> TRT-RS. LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa?, 2021. Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>> Acesso em 10 jun. 2022.



genitais, cromossomos – não se encaixa no padrão binário masculino x feminino; (A) Assexual – pessoa que afirma não sentir atração sexual por outras pessoas, independentemente do gênero, mas que pode sentir afeto por outras pessoas; (P) Pansexual – pessoa que se sente atraída afetivamente/sexualmente por outras pessoas, independentemente do gênero; (+) – abriga as demais possibilidades de sexualidades, identidades e expressões de gênero, além de aliadas/es/os.

Nesse contexto, a comunidade LGBTQIAP+ é atravessada por estereótipos, assim como os demais grupos socialmente minorizados. Cândido e Feres Júnior (2019) asseveram que “estereótipos são práticas de representação, portanto, adquirem sentido no interior dos contextos culturais, sociais e políticos em que são produzidos” (CANDIDO; FERES JÚNIOR, 2019, p.2).

Na prática de Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, o conceito é a unidade de representação do conhecimento ordenado em estruturas classificatórias. Para Hjørland (2008), o conceito é uma construção cultural e social movente na sociedade. García-Gutiérrez (2011, p. 6) entende que o ato de classificar é direcionado por uma tradição que não se orienta apenas por um conjunto de regras explícitas e tecnicistas, “mas também cognitivas, inconscientes e de padrões comportamentais automáticos ligadas à ideologia, à cultura, à identidade e à memória que confinam pluralismo e interpretação”.

Assim, estabelecemos como problema de pesquisa: como a comunidade LGBTQIAP+ está sendo social e tematicamente representada na literatura científica no Brasil? O objetivo deste estudo é de analisar como a comunidade LGBTQIAP+ tem sido representada em artigos indexados na plataforma de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos últimos cinco anos (2018-2022), em âmbito nacional.

A execução deste trabalho se justificativa no campo da CI, por se alinhar e se amalgamar a um conjunto de pesquisas na área que tratam de questões informacionais, no âmbito do paradigma social descrito por Capurro (2003) e ampliado por Natália Cardona (2020), com o paradigma intercultural. Do ponto de vista temático, este trabalho adere à ementa do GT12 por ser um estudo teórico sobre o campo aplicado da representação social e do conhecimento que contempla as questões de gênero, as questões queer, as sexualidades e a noção de diversidade, abrigadas sob a sigla LGBTQIAP+, e a desclassificação do conhecimento na perspectiva alternativa de pensamento, de forma complementar, ao invés



de substitutiva, de García-Gutiérrez (2011). Do ponto de vista social, potencializa reflexões sobre justiça social e informacional, no contexto da produção de conhecimentos sobre a comunidade LGBTQIAP+, e como ela é representada na literatura científica, social e tematicamente.

## **2 A COMUNIDADE LGBTQIAP+**

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2010), a sigla LGBTQIAP+ engloba aspectos da orientação sexual, de identidade de gênero e de padrões biológicos que se desviam de regras normativas e ficam expostos aos estereótipos sociais. Durante muitos anos, o termo homossexualismo foi adotado em sistemas de classificação sob a influência do Código Internacional de Doenças (CID), que associava a homossexualidade a uma patologia evidenciada pelo sufixo 'ismo' e classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), até os anos de 1990, como um transtorno mental (GUIMARÃES; PINHO, 2007; SULLIVAN, 2015). Tais associações evidenciam que a falta de um olhar crítico, da problematização, de um amplo debate sobre a representação de grupos ou sujeitos na produção científica podem contribuir para manter estereótipos sociais e silenciar as produções sobre o tema, uma vez que, “subentende-se que está ocorrendo uma mudança, um afastamento ao tratamento igualitário que essa atividade ou produto deve representar” (PINHO; GUIMARÃES, 2011, p. 03).

Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil é um dos países que mais mata pessoas LGBTQIAP+ no mundo, ao lado do México e dos Estados Unidos (OLIVEIRA; MOTT, 2022). O relatório publicado em 2022 revela que houve um aumento de 8% de mortes violentas em 2021 em relação ao ano anterior. Ainda segundo o relatório, uma pessoa LGBTQIAP+ é assassinada a cada 29 horas no Brasil. Os dados da pesquisa mostram que o aumento da violência contra a pessoa LGBTQIAP+ cresce no país, o que corrobora a tese de que as políticas públicas implementadas são insuficientes.

Evidenciamos que a representação social não é o fato, mas as percepções dos sujeitos por meio de construções coletivas (CARVALHO, 2001). Em uma estrutura de retroalimentação, o silenciamento e a omissão influenciam as percepções dos sujeitos sobre a comunidade LGBTQIAP+ e mantêm o preconceito assegurado a uma cultura que inferioriza uns e prioriza outros, o que se reflete nas várias formas de representação.



### 3 REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A representação do conhecimento (RC) pode ser definida como um processo fundamental para a organização do conhecimento (OC) em sociedade. Segundo Denise Jodelet (2001, p.31), precisamos entender “o que temos a ver como o mundo que nos cerca. É necessário ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas que ele põe”. As análises que fazemos sobre o que está a nossa volta, as metodologias registradas e as diretrizes implementadas nos colocam em um lugar que se constrói de acordo com a classificação que nos é dada pela “universalização que ressalta um padrão hegemônico, socialmente aceito [...] que silencia estruturalmente as experiências, as produções intelectuais, saberes e vozes de grupos considerados subalternos” (MARTINS, CÔRTEZ, 2019, p.175).

Segundo Guimarães e Pinho (2007, p.27), “os problemas de tendenciosidade na representação do conhecimento são encontrados desde o momento da criação de instrumentos e ferramentas de representação”. Isso pode explicar como a origem do processo de classificação e representação influencia estereótipos que são dificilmente alterados ou combatidos. Fernandes e Souza (2016, p.4) entendem que,

na sociedade brasileira, [...] as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de ‘normalidade’ e ‘anormalidade’ estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão.

A representação da informação é definida como um instrumento por meio do qual a linguagem teria a função de estar no lugar da outra coisa para representar modelos de conhecimento da realidade. Compreendemos que esse processo pode se apresentar como um modelo de exclusão e silenciamento ao priorizar componentes representativos e ocultar outros. Novellino (1996, p. 38) explica que “a principal característica do processo de representação da informação é a substituição de uma entidade lingüística longa e complexa por uma representação abreviada”.

Dodebei (2002) entende que os modelos de representação precisam refletir a realidade e possibilitar o aparecimento de aspectos relevantes da sociedade. Esses modelos devem ser analisados por um paradigma intercultural, que não reproduza o conhecimento científico



baseado na cultura hegemônica ocidental, mas em conhecimentos locais, contextualizados com a história e a memória, buscando epistemologias não hegemônicas para que a sociedade seja representada conforme as demandas e as reivindicações próprias de cada grupo.

Se entendermos que toda representação perpassa uma classificação, podemos dizer que, ao classificar algo, estamos identificando e atribuindo características a fim de compreender bem mais um objeto/aspecto da realidade. Portanto, os processos de representação se apresentam como parte do social e devem respeitar valores sociais e particularidades do sujeito (JAPIASSU, 1979, *apud* MORAES; ARCELLO, 2000).

Podemos afirmar que a representação do conhecimento carrega traços saussurianos (RODRIGUES, 2008), já que se espera que os termos escolhidos representem os conceitos atribuídos, considerando que a linguagem é um fator social, “multiforme e heteróclita” e está centrada em aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos pertencentes aos domínios individual e coletivo (SAUSSURE, 2006).

O processo de representação da informação pauta-se em uma prática arbitrária que define o que será evidenciado e o que não deve aparecer. Podemos dizer que os procedimentos classificatórios de redução metonímica, dicotômica e analógica (GARCIA-GUTIERREZ, 2011) abrem caminho para a exclusão quando definem o que deve ser prioridade, tendo em vista que “a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais [as pessoas] tornam inteligível a realidade física e social (MOSCOVICI, 1978, p. 28). Nesse contexto, a representação social impacta nas atividades de representação da informação que, pautadas na naturalização de preconceitos, reforça no imaginário social uma estrutura simbólica que hegemoniza determinados grupos e, conseqüentemente, subalterniza e sub-representa outros.

#### **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Do ponto de vista metodológico, classificamos esta pesquisa como bibliográfica, com faceta metodológica descritiva e de abordagem analítica qualitativa, visto que se propôs a analisar como a comunidade LGBTQIAP+ está sendo representada na literatura científica. Para executar a investigação, escolhemos o Portal de Periódicos CAPES, tendo em vista as possibilidades de acesso à produção científica em diversas áreas do conhecimento e a flexibilidade para recuperar a informação, a partir da combinação de termos e campos de busca e da utilização de filtros. Como recorte temporal, optamos pela análise de artigos publicados



nos últimos cinco anos (2018-2022), a fim de desenhar uma compreensão mais atual sobre as representações da comunidade LGBTQIAP+.

Para realizar a pesquisa bibliográfica, usamos o Portal de Periódicos da Capes (PPC) logado via acesso CAFe – que possibilita o acesso a todos os serviços e conteúdos assinados do Portal. Como expressão de busca, estabelecemos, no sistema de busca do Portal de Periódicos da Capes, a combinação dos termos ‘representações’ (*qualquer campo*) + ‘LGBT’ (*qualquer campo*)<sup>2</sup>, a partir da combinação dos termos e campos, foi possível recuperar 42 artigos. A partir de uma triagem dos artigos recuperados identificou-se que: nove apresentavam os termos, mas não estavam alinhados à temática abordada neste estudo; três encontravam-se indisponíveis para acesso; e dez eram artigos duplicados. Após a checagem minuciosa e exclusão, resultou em 20 artigos cuja composição do *corpus* a ser analisado, como mostra o **Quadro 1**.

**Quadro 1 - Artigos selecionados para analisar a representação da comunidade LGBTQIAP+.**

	Título	Autor	Palavras-chave	Ano
01	A liberdade também passou por aqui: Cineground, memória de uma cinematografia queer dos anos de 1970 em Portugal	GONÇALVES	Cinema amador; performance travesti; direitos LGBT; Cineground	2019
02	Memes de natureza cômica como estratégia de resistência a discursos hegemônicos: análise das reações à campanha #GaysNoMerecenMedallas no Twitter	OLIVA	LGBT; ator social; memes; humor; resistência	2018
03	Relação entre representação descritiva e substantiva: o caso da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG)	VIEIRA	ALMG; Grupos minoritários; representação descritiva; representação substantiva.	2020
04	Enviadescer no ciberespaço: Linn da Quebrada e representação Trans no Youtube	SANTOS; SILVA	Transexualidade; travestilidade; ciberespaço; representação; Enviadescer.	2018
05	Construindo uma Grounded Theory sobre famílias brasileiras e consumos de anúncios com casais LGBT: inquietações metodológicas e interseccionalidade	LEITE	Grounded theory; consumo; publicidade; casais LGBT; interseccionalidade	2020
06	Revisão sobre a utilização da teoria das representações sociais nos estudos sobre homofobia no Brasil	SILVA; ALÉSSIO	Psicologia social; representações sociais; preconceito; homofobia; homossexualidade	2019
07	Mulheres no contexto do trabalho: representações sociais a partir da orientação sexual	ALVES; et al.	Representações sociais; mulher; lésbica; preconceito; trabalho.	2020
08	PERSONAGENS LGBT NAS TELENÓVELAS DA REDE GLOBO DE 2014 A 2016: uma reflexão a partir dos Estudos Queer	SANTOS; MATTOS	Estudos Queer; Judith Butler; telenovela	2019

<sup>2</sup> As escolhas supracitadas se justificam em função de uma melhor recuperação/revocação quando comparadas com o resultado com descritores como ‘representação’ e ‘representações sociais’. O mesmo ocorreu com a sigla ‘LGBTQIAP+’, que foi adequada na busca pela utilização da sigla mais ampla, ‘LGBT’, que resultou em uma melhor recuperação/revocação para esta pesquisa.



09	Concepções psicossociais da velhice LGBT entre universitários brasileiros	SANTOS; et al.	Velhice; universitários; velhice LGBT; sexualidade; representações sociais.	2021
10	A Genealogia em uma analítica do poder: articulações e contrastes na representação LGBT publicitária	SCHERER; PETERMANN	Genealogia; relações de poder; publicidade; LGBT.	2018
11	Envelhecimento de homens gays brasileiros: representações sociais acerca da velhice LGBT	GOMES; et al.	Representações sociais; velhice LGBT; homens gays brasileiros	2020
12	Investigando representações de masculinidades em capas de revistas para o público LGBT	BEZERRA; FERREIRA	Multimodalidade; análise crítica do discurso; masculinidades; capas de revistas.	2020
13	Representações sociais de trabalhadores da atenção básica à saúde sobre pessoas LGBT	SILVA; FINKLER; MORETTI-PIRES	pessoas LGBT; representações sociais; serviços de saúde; ética; bioética	2019
14	Velhice LGBT e pessoas espíritas: um estudo das representações sociais	JESUS; et al.	representações sociais; velhice LGBT; espíritas.	2019
15	Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF)	JESUS; et al.	Representações Sociais; profissionais da saúde; idosos LGBT	2019
16	Representações sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia	CARLOS; SANTOS; ARAÚJO	Velhice; LGBT; representações sociais	2018
17	Velhice LGBT e facilitadores de grupos de convivências de idosos: suas representações sociais	FONSECA; et al.	Velhice LGBT; representações sociais; idosos; LGBT; Cras	2019
18	Do vermelho ao arco-íris: as representações sobre o movimento LGBT nas mídias do MST	DUARTE; DOULA; SILVA	Movimentos sociais; homossexualidade; representações sociais	2019
19	Representações sociais da velhice LGBT entre agentes comunitários de saúde	ARAÚJO; et al.	Velhice; representação social; sexualidade; profissionais da saúde	2019
20	O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais?	SANTOS; et al.	Envelhecimento; velhice LGBT; representações sociais.	2020

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Para analisar os artigos selecionados, os textos foram lidos integralmente, com o fim de observar sob quais perspectivas investigativas, de âmbito social e temático, a comunidade LGBQIAP+ vem sendo descrita na produção científica no país. Com esse recorte, aproximamos de uma netnografia, como forma especializada de etnografia, usada no contexto das informações e comunicações mediadas por tecnologias digitais e que se apresenta como fonte de dados para compreender e representar um fenômeno cultural (KOZINETTS, 2014). Nessa aproximação netnográfica, apoiamo-nos em Kozinets (2014), que classifica a netnografia e a etnografia como: a) naturalistas, que possibilitam o estudo das manifestações sociais que



surtem nos contextos digitais; b) imersivas, por meio das quais se pode compreender/descrever profundamente o objeto de estudo; e c) descritiva, que possibilita analisar, com significativa exatidão, a realidade pesquisada e seus significados.

## **5 ACHADOS ANALÍTICOS**

Dentre os artigos recuperados, empreendemos a leitura dos selecionados para análise, iniciando pelo artigo nº 01 – ‘A liberdade também passou por aqui: Cineground, memória de uma cinematografia queer dos anos de 1970 em Portugal’. Gonçalves (2019) explica que filmes com temas LGBTQIAP+ incomodavam a classe política local por se tratar de abordagens que não eram reconhecidas pela legislação e pela opinião pública da época. Nota-se que a representação da comunidade LGBTQIAP+ pode ser identificada no movimento de resistência associado ao rompimento da cultura tradicional vigente. Essas possibilidades de transformação apontam para um momento histórico em que a repressão às minorias tentava impedir suas manifestações. Gonçalves (2019) compreende que um dos aspectos relevantes na representação da pessoa LGBT é sua identidade sexual, e a preocupação com a categorização da sexualidade na sociedade moderna é algo recente. Nesse caso, o processo histórico da invisibilidade, as repressões às atividades artísticas e os estudos iniciais sobre sexualidades contribuíram para a representação que temos da comunidade LGBTQIAP+ no século XXI.

No artigo 02, intitulado ‘Memes de natureza cômica como estratégia de resistência a discursos hegemônicos: análise das reações à campanha #GaysNoMerecenMedallas no Twitter’, Oliva (2018) aborda como a comunidade LGBT foi atacada por discursos heterossexistas e religiosos na rede social Twitter, em agosto de 2016, quando aconteciam os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O trabalho em questão detalha uma batalha de memes que são publicados, na tentativa de deslegitimar as causas LGBTQIAP+ por meio de discursos de ódio e religiosos. A representação da comunidade pode ser identificada na concepção imagética da sociedade que foi construída, ao longo dos anos, por predefinições religiosas e culturais estabelecendo limites, julgamentos e separações dicotômicas.

No artigo 03 – ‘Relação entre representação descritiva e substantiva: o caso da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG)’ - Viera (2020) investiga se existe ou não uma relação entre a representação descritiva e a representação substantiva voltada para as minorias. Os resultados apontaram que representantes de minorias não as representam substantivamente, pois existe



uma lacuna em relação às políticas públicas voltadas para elas. Podemos dizer que, nesse caso, o discurso de representação está sendo utilizado para garantir a manutenção de pessoas que, por falta de apoio ou de interesse, não estão priorizando as pautas LGBTQIAP+. Cabe destacar que, dentre os artigos analisados, esse é o único oriundo do campo da Ciência da Informação.

No artigo 4, 'Enviadescer no ciberespaço: Linn da Quebrada e a representação Trans no Youtube', Santos e Silva (2018) analisam as formas de comunicação, representação, protagonismo e recepção de travestis e transexuais no contexto digital. Os autores compreendem que o ciberespaço é um lugar onde sujeitos marginalizados socialmente têm a oportunidade de exercer o protagonismo no âmbito cultural e que existem movimentos para desconstruir estereótipos negativos da comunidade LGBTQIAP+, porém a prevalência de preconceitos inibe o avanço desse processo. No caso em questão, a representação da comunidade LGBTQIAP+ está posta na figura da Linn da Quebrada, que, como pessoa pública, está sujeita a adjetivações, ao mesmo tempo em que tenta combatê-las. Esse artigo se diferencia por trazer palavras-chave representativas da comunidade LGBTQIAP+, como transexualidade, travestilidade e enviadecer, e apontar o alcance na desclassificação de García-Gutiérrez (2012), que não visa ser substitutiva, mas ampliar as possibilidades de representação conforme a identificação das comunidades, que não apresentam prejuízos para a representação e conseqüente recuperação da informação.

No artigo de número 05, intitulado 'Construindo uma Grounded Theory sobre famílias brasileiras e consumos de anúncios com casais LGBT: inquietações metodológicas e Interseccionalidade', Leite (2020) investigou o sentido de anúncios produzidos sobre a representação de casais LGBT e concluiu que os espaços publicitários priorizam casais LGBT de cor branca, em detrimento de pessoas racializadas. Entendemos que esses dados revelam um tipo de "hierarquia da diferença dentro da diferença" (ALEXANDER, 2018, p. 502). Nota-se que a representação da comunidade LGBTQIAP+ está sendo pautada em um contexto de dominação social que dita padrões de comercialização. Tais representações revelam que a concepção imagética da sociedade, ancorada em padronizações hierárquicas, contribui para manter estereótipos predominantes.

No artigo de número 06, 'Revisão sobre a utilização da teoria das representações sociais nos estudos sobre homofobia no Brasil', Silva e Aléssio (2019) afirmam que as expressões preconceituosas se ancoram na função justificadora das representações sociais. Segundo os



autores, os dados provocados – entrevistas, escalas, questionários – possibilitam ao pesquisador criar um panorama sobre como essas representações são passadas adiante pelo fator cultural.

No artigo 07, ‘Mulheres no contexto do trabalho: representações sociais a partir da orientação sexual’, Alves et. al (2020) concluíram que, apesar de as mulheres conquistarem lugar de poder, a masculinidade prevalece na maioria das relações sociais. “As palavras evocadas sobre lésbicas, no contexto de trabalho, apresentaram uma centralização de exclusão” (p.435). Nesse caso, as palavras positivas são deixadas de lado e predominam as que representam a luta contra o preconceito.

No artigo 08 – ‘Personagens LGBT nas telenovelas da Rede Globo de 2014 a 2016: uma reflexão a partir dos Estudos Queer’, Santos e Mattos (2019) dialogam sobre a representação de personagens LGBT nas telenovelas da Rede Globo. Os autores compreendem que a construção da representação da comunidade LGBT nas telenovelas acontece de forma negociada: aumenta a visibilidade, ao mesmo tempo em que mantém padrões heteronormativos (dicotômicos). Nesse caso, as representações apontam para a manutenção de normas que permitem a comercialização do produto televisivo pautadas nas diretrizes editoriais. Essas estratégias que visam ao lucro, atentando para precauções com o público conservador, indicam um avanço gradual para socializar os grupos minorizados no contexto social.

O artigo 09 - ‘Concepções psicossociais da velhice LGBT entre universitários brasileiros’ - analisou a percepção de universitários dos Cursos de Psicologia, Direito e Pedagogia acerca do envelhecimento da pessoa LGBT (SANTOS et. al, 2020) e revelou que os idosos se sentem excluídos, solitários e não assumem sua sexualidade por medo de não serem aceitos por familiares e amigos. Nesse caso, as representações estão divididas em duas partes: na capacidade de provocar mudança no entendimento social a respeito da velhice LGBT, pois o posicionamento construído aponta para a exclusão; e a resiliência da pessoa idosa em enfrentar o processo do envelhecimento.

No artigo 10, intitulado ‘A Genealogia em uma analítica do poder: articulações e contrastes na representação LGBT publicitária’, os autores discutem sobre o conceito das relações de poder na obra de Michel Foucault e a representação da comunidade LGBTQIAP+ como peça publicitária. Para Scherer e Petermann (2018), o mercado usa as pautas das causas LGBTQIAP+ apenas com fins comerciais. Nesse caso, a comunidade LGBTQIAP+ está sendo representada como



um bem de consumo. Essa pesquisa tenta provocar uma discussão acerca desse universo a ser explorado apontando desafios para a representação social da comunidade LGBTQIAP+.

O artigo 11 – ‘Envelhecimento de homens gays brasileiros: representações sociais acerca da velhice LGBT’ - Gomes et. al (2020) apresentam uma análise sobre as representações sociais de homens gays brasileiros no contexto da velhice e concluíram que os aspectos negativos caracterizados pela velhice e a negação da sexualidade reforçam preconceitos e contribuem para uma dupla discriminação. As palavras solidão, preconceito e medo corroboram a tese da representação negativa da velhice LGBT. Assim, social e empiricamente (entrevista com 101 homens gays), essa pesquisa mostra como os gays são representados e se sentem.

No artigo de nº. 12 – ‘Investigando representações de masculinidades em capas de revistas para o público LGBT’ - Bezerra e Rocha (2020) compreendem que as capas de revistas são produzidas com o intuito de despertar curiosidade e desejo a partir de uma visão hegemônica de masculinidade. Esse recurso, segundo os autores, ajuda a manter uma política editorial que favorece a disseminação desses valores. Nesse caso, a comunidade LGBTQIAP+ está representada como um público que consome imagens de corpos masculinos perfeitos. O trabalho abre margem para a discussão sobre o marketing a partir do desejo.

O estudo de nº. 13, intitulado ‘Representações sociais de trabalhadores da atenção básica à saúde sobre pessoas LGBT’, os autores Silva, Finkler e Moretti-Pires (2019) entrevistaram 15 profissionais. Segundo os pesquisadores, os entrevistados apresentaram traços religiosos pautados na moralidade e nos bons costumes, que evocaram discursos pejorativos sobre a comunidade LGBT. Os profissionais da saúde associaram a pessoa LGBT ao risco de doenças sexualmente transmissíveis e não sabem discernir questões de gênero e sexualidade. No caso em análise, as representações indicam que o discurso que inferioriza a pessoa LGBT ante outros grupos prevalece nas unidades de atendimento básico. Isso mostra que até os profissionais voltados para a comunidade estão propícios a manter estereótipos adquiridos provenientes de uma tradição arcaica.

No artigo 14, que traz como título ‘Velhice LGBT e pessoas espíritas: um estudo das representações sociais’, Jesus et. al (2019) questionam como as pessoas espíritas entendem a velhice LGBT. Os resultados mostraram as dificuldades, os preconceitos e a pouca aceitação familiar enfrentados pela pessoa LGBT. Por outro lado, destaca a coragem de se assumir e se



relacionar com outra pessoa do mesmo sexo em um contexto heteronormativo. A representação da comunidade LGBTQIAP+, nesse contexto, ancora-se na invisibilidade de um grupo dentro de outro grupo, que deveria ter uma atenção voltada para o cuidado e o afeto diferenciado. Os pesquisadores afirmaram que, nesse estudo, a orientação sexual foi representada como uma escolha, e não, uma construção social. Esses apontamentos indicam como a pessoa LGBTQIAP+ está sendo representada no imaginário social. Essas lacunas devem ser problematizadas para que novas conquistas aconteçam.

No artigo de nº. 15 - 'Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF)' - Jesus et. al (2019) indagaram 50 profissionais do PEF por meio de um questionário socioeconômico a respeito da velhice LGBT. A comunidade LGBT foi caracterizada pela representação social que circunda na invisibilidade, em preconceitos e em estereótipos negativos, mas também como uma velhice feliz e autônoma. Segundo os autores, alguns participantes da pesquisa passaram a refletir sobre o tema durante o experimento. Isso implica dizer que tais representações podem ser moldadas de acordo com o interesse social.

O trabalho de nº 16, intitulado 'Representações sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia', Carlos, Santos e Araújo (2018) entrevistaram 300 universitários, a fim de compreender como eles observam a velhice da pessoa LGBT. Os resultados revelaram como o preconceito e a discriminação sofrida pelos idosos estão evidenciados nas representações assim como os direitos e os deveres pautados no exercício da cidadania são refletidos como forma de resistência.

O trabalho de nº. 17 – 'Velhice LGBT e facilitadores de grupos de convivências de idosos: suas representações sociais' - Fonseca et. al (2020) fizeram uma pesquisa com 20 facilitadores a partir de um estudo exploratório e descritivo com dados transversais, cujos resultados apontaram para representações da comunidade LGBT que permeiam pela sociedade preconceituosa, indivíduos sem preconceito, falta de informação e naturalização do envelhecimento. Nota-se que os indivíduos que se dizem sem preconceito evidenciam um momento de ruptura nas estruturas sociais predominantes, assim como a falta de informação pode indicar que os preconceitos solidificados se mantêm.

O artigo 18 – 'Do vermelho ao arco-íris: as representações sobre o movimento LGBT nas mídias do MST' - fala de um movimento social amplamente conhecido. Os autores



analisam como as pautas de representação da comunidade LGBTQIAP+ são incorporadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Duarte; Doula e Silva (2019) chegaram à conclusão de que a comunidade LGBTQIAP+ não teve espaço nos primeiros anos das edições do *Jornal Sem Terra*, mas esse lugar foi sendo conquistado ao longo dos anos devido à politização dos movimentos feministas e das causas LGBTQIAP+. Assim, a comunidade LGBTQIAP+ passou a ser vista como um movimento que “coloria” com suas bandeiras o MST.

No trabalho 19 – ‘Representações sociais da velhice LGBT entre agentes comunitários de saúde’ - os autores desenvolveram uma pesquisa com 50 profissionais da Região Nordeste do Brasil, com o intuito de identificar as representações sociais na velhice LGBT (ARAÚJO et. al, 2020). Os resultados revelaram que o idoso é visto como um ser de luta em um cenário excludente. As representações sociais dos idosos LGBT, por meio dos agentes comunitários de saúde, possibilitam visualizar políticas que podem ser assistidas com eficiência, promovendo equidade no atendimento da comunidade LGBT. Nessa pesquisa, o idoso é tratado com empatia pelos profissionais da saúde por existir uma compreensão acerca dessa exclusão social.

No artigo de nº. 20, intitulado ‘O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais?’, Santos et al. (2020) realizam um experimento por meio de entrevista estruturada com uma amostra de 1000 pessoas adultas com média de idade de 27,5 anos, sendo 64,9%, mulheres. Os resultados apresentaram a velhice LGBTQIAP+ como uma fase de solidão e de sofrimento; discussões baseadas no respeito, no cuidado e na atenção com a comunidade LGBTQIAP+; a velhice como uma conquista atribuída à felicidade e o preconceito com práticas sexuais. Em suas palavras-chave, evidenciamos a sigla reduzida LGBT como um elemento informacional representativo, no entanto, observando a data da publicação, questionamos novamente o porquê de não se usar a sigla mais atual.

Cabe destacar que os artigos aqui selecionados foram analisados na perspectiva temática das representações sociais sobre a comunidade LGBTQIAP+ e, nesse contexto, observar como foram representados por meio das palavras-chave também aponta indícios para o prognóstico aqui proposto, sobretudo como a representação da informação pode potencializar uma boa recuperação da informação ou promover uma invisibilização de produções que aludem à falta de publicações.



Nesse contexto, as palavras-chave são descritores que apontam como a produção científica é representada do ponto de vista da informação, a partir da atribuição dos autores de descritores que representem o conteúdo de suas produções científicas, pautadas na garantia literária. “Esta garantia não parte de uma organização do conhecimento apriorística ou baseada em aspectos formais da teoria da classificação [...], pois o que se classifica e se indexa são temas presentes nos documentos” a partir da visão dos autores (BARITÉ, et al. 2010, p. 125).

Em uma estratégia de busca, o processo de representação da informação impacta na recuperação da informação por relacionar diretamente os textos aos descritores atribuídos. Assim, ao analisar as palavras-chave dos artigos em questão, evidenciamos que a utilização de termos como “Performances travesti”, “Masculinidades”, “Preconceito”, “Homofobia”, “Lésbica”, “Transexualidade”, “Travestilidade”, “Homens gays” e “Casais LGBT” visibilizam não só formas próprias de representação da comunidade LGBTQIAP+ mas também os problemas enfrentados e as práticas e os comportamentos opressores e excludentes. A palavra LGBT, empregada na maioria dos textos, indica uma representatividade dos estudos em questão, no entanto, não está representada adequadamente, porquanto só são usadas as quatro primeiras letras, tendo em vista que a ampliação da sigla segue a movência dos conceitos e suas representações e, nos últimos cinco anos, já se usava a sigla de maneira mais expandida.

O emprego da palavra-chave ‘homossexualidade’ em dois dos artigos reforça a representatividade que ela traz para a comunidade e garante a substituição ao termo homossexualismo, numa estratégia de desuso e conseqüente apagamento necessário desse termo para representar a informação no domínio LGBTQIAP+. A utilização de palavras como transexualidade, travestilidade e enviadecer, apontando o alcance na desclassificação de García-Gutiérrez (2012), que não visa ser substitutiva, mas se propõe a ampliar as possibilidades de representar conforme a identificação das comunidades, que em nada apresentam prejuízos para a representação e conseqüente recuperação da informação. A desclassificação do conhecimento, com sua expansão de possibilidades, funde-se com as teorias das representações sociais e garante uma representação da informação pautada na representatividade, não assegurando uma inclusão total, mas a minimização das exclusões naturalizadas como um prognóstico desses processos.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já dito, o objetivo desta pesquisa foi de analisar a representação social da comunidade LGBTQIAP+ a partir dos temas e de seus descritores nos artigos indexados na plataforma de Periódicos CAPES nos últimos cinco anos (2018-2022). Ao analisar os artigos encontrados, constatamos um crescente interesse dos pesquisadores em estudos referentes ao envelhecimento da comunidade LGBTQIAP+ e a falta de pesquisas sobre a representação da informação e do conhecimento da comunidade LGBTQIAP+ no campo da Ciência da Informação. Entendemos que, apesar de o recorte temporal e o Portal de Periódicos da CAPES poderem contribuir para tais conclusões, é necessário aprofundar bem mais os estudos acerca desse tema, como prognóstico desta investigação.

Podemos dizer que as representações acerca dos grupos socialmente minorizados ainda refletem uma lacuna de estudos mais efetivos e direcionados ou que as formas de representação da informação, pouco representativas ou inadequadas, não possibilitaram recuperar artigos por meio das estratégias adotadas, porquanto a prioridade foi dada para a busca por termos que indicassem uma representação, como, por exemplo, o uso da sigla LGBTQIAP.

Nesse sentido, a autorrepresentação pode ser um caminho para que o sujeito ou o grupo decida qual a melhor forma de ser representado. No entanto, essa também precisa ser uma responsabilidade de quem produz e pesquisa sobre os temas e dos profissionais da informação. Isso significa dizer que o imaginário popular pode ser reconstruído a partir de produções científicas e políticas informacionais que visem melhorar a percepção do outro.

## REFERÊNCIAS

BARITÉ, M. et al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **Transinformação**, Campinas, 22(2):123-138, maio/ago., 2010. Disponível em < [l1nq.com/01oit](http://l1nq.com/01oit) > Acesso em: 13 jun. 2022.

CANDIDO, M. R.; FERES JÚNIOR, J. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Rev. Estud. Fem.** vol.27 no.2 Florianópolis 2019. Disponível em: < [l1nq.com/6pyZr](http://l1nq.com/6pyZr) >. Acesso em: 06 jun.2022.

CARDONA, N. D. Ciencia de la Información para qué y para quem? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia e de la Información em el contexto universitario. In: **Epistemologias Latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. CARDONA, N. D; SILVA, F. C. G. da. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota). p.45-72. Disponível em: < [l1nq.com/IIFwc](http://l1nq.com/IIFwc) > Acesso em: 13 jun. 2022.



CARVALHO, M. do R. O constructo das representações sociais: implicações metodológicas. In: MOREIRA, A. P. (org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa, Editora da UFPB, 2001.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. p. 1-21.

DODEBEI, V. L. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2002.

FERNANDES, B. V.; SOUZA, C. C. C. M. Identidade negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.63, abr. 2016. p.3-20.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in Knowledge Organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, Campinas, 23(1): 5-14, jan./abr., 2011.

GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A. Desafios da representação do conhecimento: abordagem ética. **Informação & Informação**, v. 12, n. 1, p. 19-39, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33397> > Acesso em: 28 fev. 2022.

GUTIÉRREZ, A. G. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **Transinformação**, Campinas, 23(1):5-14, jan./abr., 2011. Disponível em: < <http://old.scielo.br/pdf/tinf/v23n1/a01v23n1.pdf> > Acesso em: 13 Jun. 2022.

HJØRLAND, B. J. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization: international journal devoted to concept theory, classification, indexing, and knowledge representation**, Frankfurt, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARTINS, G.K.; CÔRTEZ, G.R. Representação da informação e do conhecimento e as representações sociais: intersecções e limites. In: ALBUQUERQUE, M.E.B.C; MARTINS, G.K.; MOTA, D.A.R. **Organização e representação da informação e do conhecimento: intersecções teórico-sociais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

MILANI, S. O. **Bias na representação de assunto: uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD)**. 2014. 134 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MORAES, A. F. de; ARCELLO, E. N. O conhecimento e sua representação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.10, n.2, 2000.



MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, jul./dez. 1996. Disponível em: < l1nq.com/YFoWS > Acesso em: 28 fev. 2022.

OLIVEIRA, D. M. J.; MOTT, L. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: < <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf> > Acesso em: 25 mai. 2022.

PINHO, F. A.; GUIMARÃES, J. A. C. A precisão nas linguagens de indexação: um estudo com a temática da homossexualidade masculina. **In**: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Brasília, Distrito Federal: UnB, 2011.

RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SULLIVAN, D. **Uma breve história da homofobia na Classificação Decimal de Dewey**. Medium.com. 29 Jul 2015.

UNFPA. Fundo das Nações Unidas. **Adolescente e jovens para a educação entre pares: saúde e prevenção nas escolas**. Brasília, n. 69, 2010. Disponível em: [http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia\\_diversidades.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/guia_diversidades.pdf). Acesso em: 28 fev. 2022.